

**UMA CANÇÃO INACABADA - A PRÁTICA DE ENSINO NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES DE HISTÓRIA: A EXPERIÊNCIA DO UNIPAM – MG**

Marcos Antônio Caixeta Rassi \* – PPG-UFU/UNIPAM

“Aprendi novas palavras  
e tornei outras mais belas”  
Carlos Drummond de Andrade

Este texto é fruto de meu trabalho de pesquisa de mestrado que venho desenvolvendo junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, orientado pela Professora Dra. Selva Guimarães Fonseca. É um trabalho provisório, estou em pleno processo de pesquisa, portanto, não estou ainda buscando conclusões. Tudo é parcial e especulativo, embora investigativo. Trata-se de um trabalho sobre práticas docentes em História, neste caso, aquelas produzidas pelo curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas, Hoje UNIPAM.

Aprendi a gostar de História quando fui aluno da Professora Maria José Silva Levenhagem Ferreira, a Zezé, no Colégio Fonseca Rodrigues, em Patos de Minas, no longínquo 1973. Quando fui aluno da referida professora, foi como se, pela primeira vez, uma torrente arrebatadora de entusiasmo tivesse caído sobre mim. Caetano Veloso, em luminosa biografia de Alexandre o Grande, narra numa canção<sup>1</sup>, que Aristóteles havia plantado no herói macedônico, a possibilidade dele “sentir” filosofia. A referida professora, germinou em mim a faculdade de “sentir” História. Foi uma descoberta definitiva. Daí já meu interesse, não só pela História em si, mas também pelos

---

\* Mestrando em Educação na Universidade Federal de Uberlândia e professor do UNIPAM-MG

mecanismos que conduziam alguém a gostar do que se gosta, ou seja, gostar da docência, sentir saber em ensinar História.

Hoje, pensando sobre o que é a pesquisa, o que é a produção do conhecimento histórico e docente, não tenho dúvidas que o professor é um produtor de um certo tipo de saber<sup>2</sup>, que é um pesquisador que a cada aula, diversamente produz uma teia de saberes, resignificando o mundo, as coisas, “tijolo por tijolo, num desenho lógico”. Continuo convencido que a educação tem em comum com a arte este atributo, a adesão é gratuita e, às vezes, incomensurável.

O intuito central desta pesquisa, é compreender, problematizar, inferir, sobre como se forma um professor de História no Brasil, e, especialmente, como temos formado os professores de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas – especialmente de 1985 a 2001. Esta instituição foi onde a Professora Zezé se formou e foi professora formadora durante vinte e cinco anos, até sua morte – faleceu precocemente em outubro de 2004. Também foi nesse mesmo curso que me constitui professor de História, onde fiz minha formação inicial e onde atuo também como docente há vários anos. Sinto-me motivado para investigar, refletir sobre as práticas de formação que estão sendo desenvolvidas no meu *locus* de trabalho e seus reflexos na realidade educacional local e regional.

Por que centro minhas atenções no período de 1985 a 2001? Porque é a partir de 1985 que o curso tenta buscar uma identidade própria que não lhe era concebida pela estrutura educacional vigente no país, a Ditadura Militar. A partir deste ano os debates no interior do curso, sua natureza, os currículos, a qualificação dos docentes passaram a ser indagadas, questionadas. Abriu-se então, um debate interessante, rico e promissor, tanto a nível discente quanto docente. Passou-se a se discutir no curso, suas vicissitudes, seus limites, não só do curso mas de toda a Instituição. Mesmo os Departamentos passaram a respirar mais autonomia, menos controlados pela estrutura

centralizadora, até então vigente. O ano de 2001 é crucial na História da Instituição porque é o ano em que a Fundação Educacional de Patos de Minas se torna Centro Universitário, momento em que a estrutura realmente sofre transformações profundas, não só do ponto de vista administrativo, mas sobretudo em relação a produção de pesquisa, além de começar, efetivamente as atividades de extensão, ainda que tímidas. Minha relação com a História é intensa, primeiro pela paixão despertada desde a adolescência, pelas aulas da Professora Zezé, segundo, porque como disse, sou professor formador de História, além de atuar também no ensino fundamental e médio, em escolas públicas e privadas. Ora, como professor reflexivo<sup>3</sup>, busco romper com o velho provérbio, já conhecido por todos, sobretudo aqueles ligados às ciências da educação, que diz “quem sabe faz, quem não sabe ensina”. Pretendo reelaborá-lo segundo a perspectiva colocada pela Professora Selva Guimarães Fonseca, que provoca, “quem sabe faz, *quem pensa o que faz*, ensina”.

Num momento de crise da educação, crise de valores, crise de identidades, crise existencial, crises econômicas, crise dos estados nacionais, enfim num mundo cuja marca mais evidente é a crise se reforça a concepção de que a educação escolar é o veículo propulsor para buscar e construir possíveis saídas dessa crise<sup>4</sup>. Assim o repensar sobre nossa prática torna-se ainda mais instigante, até porque sabemos que é nos momentos de crise que germinam as saídas e alternativas para vencê-las.

Meu propósito é investigar a formação inicial do professor de História, o papel dos cursos de Licenciatura nessa formação, as mudanças ocorridas ao longo dos anos, tanto pelas experiências das trajetórias do docente quanto pelas operadas através das políticas públicas. Investigo quais são os saberes dos professores de História formados nessa faculdade, em termos de raiz epistemológica, concepções historiográficas e as relações desses saberes com os saberes pedagógicos; como estes saberes foram constituídos,

modificados, reciclados e ou re-significados. Entendo saberes, na linha de Bernard Charlot

Adquirir saber permite assegurar-se um certo domínio do mundo no qual se vive, comunicar-se com outros seres e partilhar o mundo com eles, viver certas experiências e, assim, tornar-se maior, mais seguro de si, mais independente.<sup>5</sup>

O caminho metodológico básico percorrido teve como premissa a abordagem qualitativa de pesquisa educacional. Utilizo uma combinação de instrumentos e fontes – atas do Departamento de História, jornais locais, matrizes curriculares, documentos elaborados pela ANPUH, legislações atinentes ao tema da docência em História a nível estadual e federal, documentos constitutivos da Instituição, bem como do curso de História - com as fontes orais, entrevistas com professores formadores e professores que receberam sua formação inicial na Instituição pesquisada e que atuam como professores de História no ensino fundamental e médio.

A História Oral, constitui, ao meu ver, uma metodologia que potencializa, irriga a reconstrução de nossas práticas e experiências como professores, além de resgatar a memória e tradição, condições fundantes a um trabalho de investigação que articula a educação com a História.

Como construímos? Buscamos alternativas que possibilitem erguer o olhar sobre o desafio, o usar fazer. Trabalhar com História Oral é fazer vir à tona o que ainda não havia sido registrado ou que foi, muitas vezes, expurgado dos depósitos de memória: arquivos, armários, estantes... A pesquisa em educação requer uma busca criteriosa de evidências, para não cairmos nas armadilhas das fontes oficiais e apenas reproduzir o que desejaram nos passar. O pesquisador não pode contentar em apenas preencher as lacunas deixadas pelos manipuladores da memória.<sup>6</sup>

Meu investimento em História Oral, se fundamenta na certeza, de que, ao longo dos anos, o relato oral, não só para a situação específica do trabalho de professores, sempre

se constituiu como uma das maiores e mais abrangentes fontes humanas de preservação e divulgação do conhecimento. Na pesquisa em educação temos de estar de olho no “baú das memórias” que pode não estar depositado nos documentos materiais. Uma coisa é, por exemplo, uma ementa de um determinado programa de ensino, o discurso ali explicitado. Outra coisa bem mais complexa e fecunda é o esclarecimento oral de quem trabalhou o ementário, como trabalhou, em que medida, em que limites, em que tempo, em que enfoque, em que acréscimo bibliográfico, qual o resultado obtido da aplicação do conteúdo da ementa. A História Oral disponibiliza instrumentos de obter essa riqueza de evidências. No dizer de José Carlos Sebe Bom Meihy,

Com uma vocação para tudo e para todos, a história oral respeita as diferenças e facilita a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas. Todos são personagens históricos, e o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se trançam para garantir a lógica da vida coletiva.<sup>7</sup>

A História Oral permite vislumbrar o entendimento das práticas dos professores através dos processos de suas próprias construções. Aqui, quem vai falar é o próprio professor. Ele será o sujeito de sua própria reflexão, o que permitirá construí-la, divulgá-la e possibilitar outras interpretações, mas partindo da reflexão feita pelo próprio professor, pela sua maneira singular de pensar e exprimir seus saberes – todos eles e não só o escolar -, sua concepção de mundo, suas práticas, sua vida.

As narrativas dos professores vão estar imbuídas da força que Walter Benjamin atribui a capacidade da narrativa de resistir, de se auto-acondicionar no tempo e nas coisas, como tão bem registrou uma das professoras entrevistadas, no momento em que eu iria começar sua entrevista:

Eu me lembrei de uma leitura que eu fiz recente do Proust, [...] ele fala de uma memória não intencional [...] .Fala que ele, um dia, comendo uma “madeleine”, ‘madeleine” é uma bolachinha típica francesa. Ele foi molhar no chá e começou a se lembrar, sem intenção, espontaneamente, da vó dele. Assim com detalhes, ali, na bolachinha, e ele vai remontar a uma lenda, a uma tradição celta, que falava que as pessoas mortas ficam nas coisas, sabe, que o espírito delas, fica nas coisas. [...] Sabe, essas coisas vão mexer, e eu me lembrei dele e eu acho que aqui vai ter muito de memória subterrânea, ela chama de memória subterrânea, não memória intencional.<sup>8</sup>

Foi movido por este vigor, por essa capacidade potenciadora e ao mesmo tempo velada, que me inspirei ao optar por narrativas. Se vou especular sobre processos formativos, formação inicial de professores, necessariamente tenho de me remeter a ouvi-los, e ouvi-los intensamente, com sensibilidade de perceber em suas vozes, gestos, suspiros, lágrimas, testas franzidas, o dito e o sutil. Ora, os currículos, as leis, os documentos, as atas, os registros são fundamentais para a pesquisa empírica em educação. Outra dimensão é aquela em que o sujeito que passou e passa pelo seu processo contínuo, contraditório, tenso, porém rico e singular, de formação e profissionalização como docente, tem a possibilidade de narrar, produzir intelectualmente uma reflexão sobre sua história em forma de narrativa. Segundo Benjamin,

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.<sup>9</sup>

Inicialmente, situo historicamente a criação da Fundação Educacional de Patos de Minas, FEPAM, para, a partir daí, buscar o nascimento do curso de História e traçar a História do curso de História. Procurei enfatizar fragmentos da História da cidade de Patos de Minas, nos idos das décadas de 1960 e 1970 e visualizar o processo que culminou com a criação da FEPAM. Cruzando olhares da História local com a História

Nacional, busquei o significado, para o Regime Militar, de um projeto de educação que desse amparo ideológico ao autoritarismo vigente e as estratégias deste Regime em dismantelar os polos universitários de produção científica e de resistência. A estratégia era criar faculdades isoladas pelo interior do país.

Utilizo a entrevista que fiz com os Professores Pedro Eustáquio Andrade e sua esposa, também professora, Maria Celeste Moura Andrade. Tive a felicidade de ter sido aluno de ambos. Professora portadora de uma alegria contagiante, um senso didático inigualável, uma polidez singular no trato com os alunos. Você se sentia estimulado, alto- astral, a beleza dela irradiava e contagiava a gente.

O Professor Pedro Eustáquio lecionava tudo de História do Brasil. Era e é um apaixonado pela História, pelo Brasil, pela Política, pela Educação e, óbvio, pela vida. Tinha uma magia de estimular a gente a gostar e acompanhar a História do Brasil que era coisa singular de um Mestre realmente. Ela chamava a gente para a sua aventura.

Investigo os fatores que levaram a opção por um curso de licenciatura em História e não em Estudos Sociais, o que era muito mais conveniente ao Regime. Analiso o currículo e suas mudanças ao longo dos anos. Procuro perceber o papel dos professores frente às mudanças curriculares, suas ações e reações, bem como o impacto provocado pelas mudanças curriculares ao olhar dos alunos, futuros professores.

Ainda construirei, a problematização extraída das vozes de outros professores formadores – mais duas colegas do curso - , colegas essas que trabalham no curso desde a década de 1980, portanto, acumulam uma rica experiência na centralidade da formação docente e suas práticas. No momento seguinte do trabalho, darei voz aos professores formados no curso – quatro professores – que atuam hoje no ensino fundamental e médio na cidade e região. Aqui será o momento de um feedback, uma realimentação do trabalho produzido pelo curso, do ponto de vista da docência em História, como esses profissionais se fizeram professores de História, quais seus dilemas,

suas dificuldades na formação, que reflexão produzem sobre suas práticas e que condições o curso possibilitou a eles. Logo tentarei construir uma avaliação possível do curso, a partir das vozes, seja dos formadores, seja dos formados, cruzando percepções, olhares e práticas. Por isso uma *canção inacabada*, outras frases melódicas, outros arranjos, outros timbres, certamente virão.

Acredito que minha pesquisa engendrará uma dupla contribuição: produzirá uma reflexão sobre o trabalho formativo desenvolvido pela Instituição formadora pesquisada, o que poderá ter um impacto no curso investigado e também estabelecerá um diálogo com a produção científica na área de formação de professores, configurando-se como um somatório de experiências que articulam ensino e pesquisa, teoria e prática.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> VELOSO, C. **Livro**. São Paulo: Polygram/Mercury, 1997. 1 disco sonoro.

<sup>2</sup> TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

<sup>3</sup> SCHON, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Don Quixote, 1992, p. 77-91.

<sup>4</sup> NÓVOA, A. *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1995. p. 13-34: O passado e o presente dos professores.

<sup>5</sup> CHARLOT, Bernard. O Saber e as figuras do aprender. In: \_\_\_\_\_. *Da relação com o saber*. Porto Alegre: Artmed, 2000, p. 59-89

<sup>6</sup> MESQUITA, Ilka Miglio de. *Formação de professores de história: experiências, olhares e possibilidades*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2000, p.10.

<sup>7</sup> BOM MEIHY, José Carlos Sabe. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.21.

<sup>8</sup> Entrevista feita com a Professora Maria Celeste Moura Andrade em 03 de abril de 2005, Araxá.

<sup>9</sup> BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996.